



Antorokay Mura
Márcia Mura

VIVÊNCIA SAGRADA

DESPERTANDO A ANCESTRALIDADE MURA



PURANGA KARUKA
PURANGA PITUNA
PURANGA ARA!

Antorokay Mura
Márcia Mura

VIVÊNCIA SAGRADA

DESPERTANDO A ANCESTRALIDADE MURA

Copyright© Antorokay Mura e Márcia Mura, 2022.

Projeto gráfico: Bruno A. Cruz

Revisão: Eva da Silva Alves e José Maiko Farias Amim

Fotografias: Bruno A. Cruz, Eva da Silva Alves, Renato Fernandes Caetano e Iremar Antônio Ferreira

EDUCAR – Editora Universitária Católica de Rondônia

Endereço Rua Gonçalves Dias, 290 - Centro - CEP: 76801-132, Porto Velho – RO – Brasil. Telefone: (69) 3211-4505. E-mail: educar@fcr.edu.br

Bibliotecária responsável: Julia Cristina A. Meinhardt Queiroz - CRB11ª 1027

M972v

MURA, Antorokay; MURA, Márcia. Vivência Sagrada: despertando a ancestralidade Mura. -- 1. ed.-- Porto Velho - RO: EDUCAR, 2022. 32 p.

ISBN obra física: 978-65-86431-21-6

ISBN livro digital: 978-65-86431-22-3

Disponível em: <http://fcr.edu.br/editoracatolica/ebooks/>

I. Mura. II. Povos indígenas. III. MURA, Antorokay. IV. MURA, Márcia. V. CRUZ, Bruno A. VI. ALVES, Eva da Silva. VII. CAETANO, Renato Fernandes. VIII. FERREIRA, Iremar Antônio.

CDD: 981.204

FOMENTO

Este livro recebeu Recursos da Lei Aldir Blanc N°. 14.017/2020, por meio do Edital N° 37/2021/ SEJUCEL-CODEC EDIÇÃO POVOS TRADICIONAIS PREMIAÇÃO PARA DIFUSÃO CULTURAL DOS POVOS TRADICIONAIS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS - Prêmio de Pesquisas Artísticas e Expressões Culturais, EIXO III - PUBLICAÇÕES: de Livros ou Revistas Culturais. D: Narrativas simbólicas, histórias e outras narrativas orais.



SEJUCEL
Superintendência da
Juventude, Cultura, Esporte e Lazer



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



VIVÊNCIA SAGRADA: DESPERTANDO A ANCESTRALIDADE MURA

Porto Velho, a capital de Rondônia, é uma cidade que, como todas as outras, traz as marcas da colonização e o apagamento dos Povos Indígenas que ocupavam esse espaço antes da chegada dos ditos desbravadores. Os monumentos históricos da cidade, assim considerados, oficialmente, representam marechais que passaram por cima de territórios indígenas, e fizeram construções como a Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM), erguidas sobre os territórios Karipuna e Karitiana, e mesmo que na época da sua construção os Mura não tenham



Nossa Maloca - Resex Rio Ouro Preto

sido mencionados, permaneciam em seu território ancestral, como seringueiros, nos espaços dos seringais ao longo do Rio Madeira, escondidos nos igapós e matas, ou mesmo na cidade, inseridos por uma política de Estado em

uma sociedade não indígena.

Oficialmente, nós, em Rondônia, não somos reconhecidos. Há quem diga que o Povo Mura não existe mais. Por isso, nós que estamos aqui em Porto Velho, no Baixo Madeira, e outras localidades do Estado de Rondônia, em contexto urbano, em espaços ribeirinhos e extrativistas, nos afirmando Mura (respaldados pelos parentes Mura do Estado do Amazonas), somos Mura. Esse discurso de negação da nossa existência está presente nas próprias instituições de ensino, seja nas escolas, seja nas universidades.

Mas seguimos firmes, existindo e resistindo apesar de todo etnocídio, epistemocídio e ecocídio, fazendo a recuperação da nossa memória Mura, principalmente no



nosso rio ancestral, Iriru, o rio que treme, mais conhecido como Rio Madeira, e fazendo, também, um caminho das malocas Mura nos espaços ribeirinhos, extrativistas e urbanos em Rondônia.

É necessário desconstruir tanto a cartografia oficial de Porto Velho, que apaga totalmente os Mura, como a historiografia, que, quando nos menciona, nos coloca no passado, como se tivéssemos deixado de existir no século XIX. Até mesmo os registros que consideram a existência do Povo Mura, mencionam os que estão no

Estado do Amazonas, mas não mencionam aqueles que estão em Rondônia. Contudo, no estado do Amazonas, principalmente no território que vai de Careiro da Várzea até a ponta de Autazes, os Mura são muito fortes politicamente, e nós, da região de Rondônia, temos o respaldo deles.

Desde o século XVII, a presença Mura se manteve, até os dias de hoje, em toda a Amazônia. Há Mura em Manacapuru, no Itaparanã, no Baiêta, no Kapanã, no Uruapeara, no Jauari, em Humaitá, todos esses, de forma



declarada, fazendo a recuperação de seus territórios. Até Humaitá, limite do Estado do Amazonas, os espaços de seringais voltaram a ser configurados como território Mura. Passando para o

Estado de Rondônia, a identificação Mura é diluída na denominação ribeirinha, porém são esses Mura somados com outras famílias advindas de outras etnias, que passaram a se identificar como ribeirinhos, que continuam fazendo a resistência aos projetos ditos desenvolvimentistas no Rio Madeira.

Em Porto Velho, o Coletivo Mura se constituiu para reivindicar que a cidade seja reconhecida pelo Estado como território ancestral Mura e para despertar a identificação Mura, silenciada por uma política de Estado

que persegue, que mata (desde o início da invasão) milhares dos nossos e que vinculou ao imaginário social a imagem dos Mura como os mais selvagens.

Nos registros oficiais da Coroa Portuguesa há um documento: “Autos da devassa contra os índios Mura do rio Madeira e nações do rio Tocantins (1738-39) (UnAm 1986), dizendo que enquanto houvesse Mura, nenhuma agricultura iria para frente. Essa tática de destruir a agricultura era utilizada pelos ancestrais Mura para impedir a fixação de vilas construídas ao longo do rio Madeira para o domínio português. Já naquela época se deram os enfrentamentos a projetos desenvolvimentistas coloniais portugueses, que procuravam transpor a barreira Mura para adentrar na Amazônia via rio Madeira, utilizando a estratégia de estabelecer vilas e, ao mesmo tempo, tinham interesse no cacauí (cacau nativo), que estava sob o domínio dos Mura. Foi travada a guerra por cem anos. De um lado, os europeus





com suas armas de fogo, do outro lado, os antepassados Mura com suas próprias estratégias. Apesar de todos os ataques genocidas, nós continuamos existindo e resistindo.

O mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju nos permite uma visão histórica de ocupação territorial indígena, como afirma George de Cerqueira Leite Zarur:

[...] Embora com anos de pesquisa de campo em grupos indígenas específicos, Curt Nimuendaju soube situar seu interesse e sua vivência de certas tribos em um contexto muito amplo. A primeira dimensão do tamanho deste contexto nos é fornecida pela visão histórica do seu mapa. Os grupos indígenas já referenciados pela bibliografia, desde a mais antiga estão representados no mapa. [...] (ZARUR, 2002, p.33).

Conforme o mapa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), adaptado do mapa de Curt Nimuendaju, de 1944, encontrado

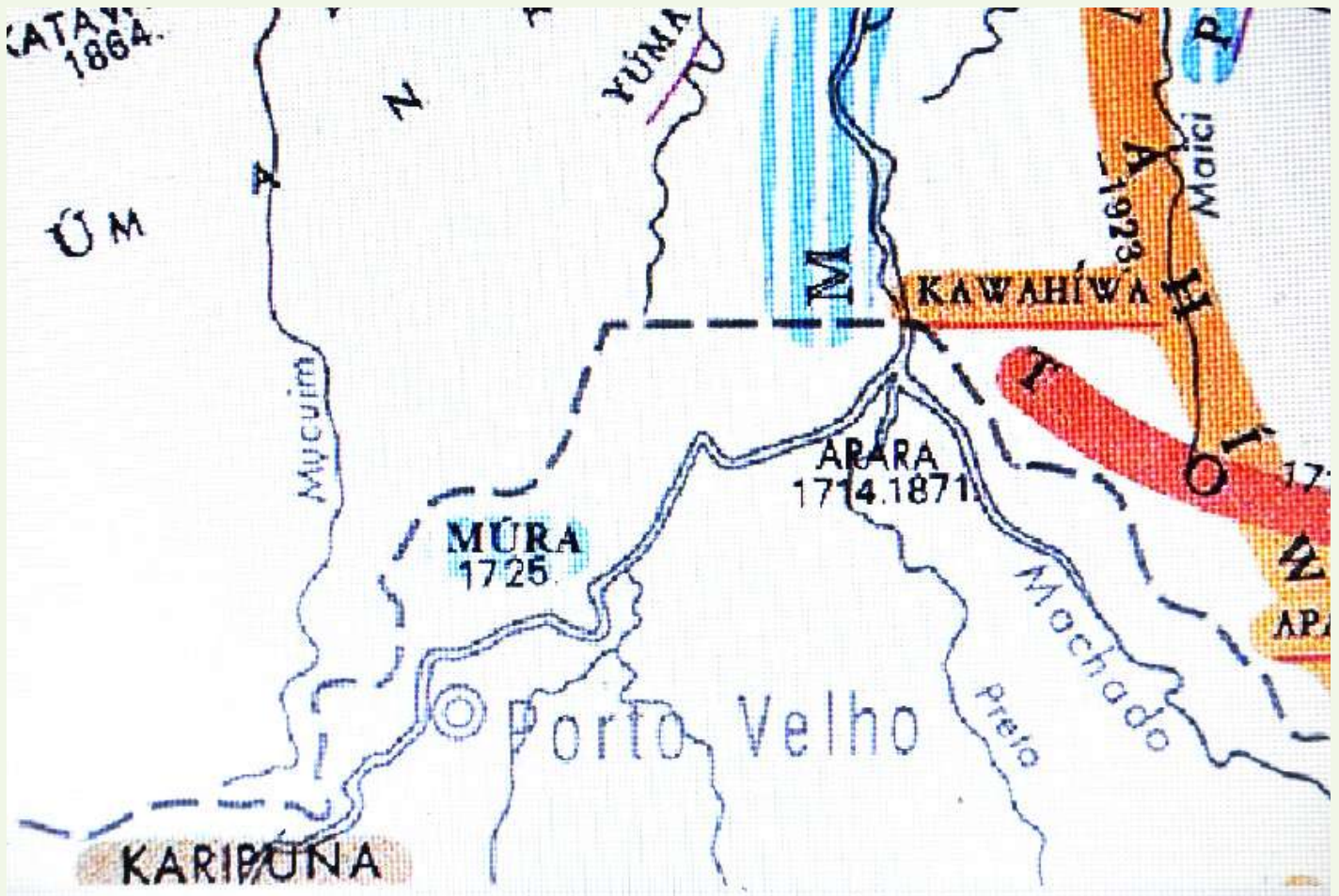
na biblioteca digital Curt Nimuendaju¹, há registros da presença dos Mura na parte da região amazônica que atualmente corresponde ao estado de Rondônia e ao estado do Amazonas. Tomando como referência as atuais capitais de Porto Velho e de Manaus, percebemos, por meio do mapa, que a presença dos Mura inicia nas proximidades da cidade de Porto Velho e vai até a cidade de Manaus, mas é na parte do Sul do Amazonas que há maior predominância dos Mura.

No referido mapa etno-histórico está demarcada a presença Mura em Porto Velho e em todo o Rio Madeira:

Conforme pode ser visto nesse recorte do mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju, nós, Mura, aqui estamos desde os anos



¹Nesse link da biblioteca digital Curt Nimuendaju: http://biblio.wdfiles.com/local--files/nimuendaju-1981-mapa/nimuendaju_1981_mapa.jpg é possível visualizar o mapa.



Porto Velho antes de tudo é território de memória Mura

1700 e, possivelmente, desde antes desta dada. De acordo com algumas menções historiográficas, viemos navegando dos Andes e, segundo a nossa própria percepção, somos Buhuaren, senhores e senhoras das águas. Essas informações foram afirmadas também pelos nossos antigos e antigas e repassadas por gerações. Elas e eles nos dizem que nosso Povo também circulou e ainda circula (hoje como ribeirinhos) aqui em Rondônia, além do nosso rio Iriru, pelo rio Machado e por tantos outros rios da Amazônia.

CAMINHOS DAS MALOCAS MURA

A concepção e vivência dos nossos espaços de moradias enquanto maloca iniciou com a Maloca Querida, a partir de quando tomamos consciência de que nossos espaços de vivências sempre foram compartilhados com a parentada dos espaços ribeirinhos, extrativistas, urbanos e dos territórios demarcados ou reivindicados pelos Mura do Amazonas e de parentes de outros Povos originários de diferentes territórios que circulam em Porto Velho.



Com o nosso processo de afirmação Mura em Porto Velho, tornamos nossa casa no Espaço Cultural Maloca Querida, e mesmo antes de a denominarmos assim, já recebíamos parentes da nossa família e de outros Povos também. Percebemos ser necessário demarcar que nossa casa não era privada, apenas de uma família. Assim, desde 2012 passamos a realizar encontros de articulação e de partilhas de saberes e de sabores amazônicos, interagindo com o nosso próprio povo e com diferentes Povos, dentre eles então: Karitiana, Tenharim, Mukuá, Guarassuguê, Oro Mon, Apurinã e outros.

Em Porto Velho, além da Maloca Querida, tem a Maloca Mura II, que é o espaço de moradia da família do

Emanuel Mura, que também é um ponto de acolhimento dos parentes e de vivências com o Coletivo Mura.

Após nossa ida para Nazaré, em 2016, tivemos a oportunidade de adquirir uma casa, que passou a ser o Espaço Cultural Maloca Mura, que se situa na Vila de Nazaré, Baixo Madeira, às margens do Rio Madeira, nosso rio ancestral. Com o tempo fomos fazendo nosso roçado tradicional, sem o



uso de agrotóxicos. O tempo passou mais um pouco, minha tia-avó cedeu nos cedeu um lugar dentro da sua área, que ocupava há mais de 50 anos, desde que vieram do Uruapeara (AM), navegando até chegar à antiga Boca do Furo, no entorno do lago do Peixe Boi, atual Distrito de Nazaré.

Nesse lugar cedido pela minha tia-avó Maria Maciel, construímos uma moradia com arquitetura tradicional (cobertura de palha, cercada de paxiúba e assoalhada de tábuas) para lembrar os mais velhos do tempo do seringal. O projeto é fazer mais duas construções, trazendo presente a arquitetura mais antigas do Povo Mura. As três malocas serão espaços de trocas de saberes e de sabores, das águas e das florestas.

No Baixo Madeira, além dos espaços culturais Mura no Distrito de Nazaré, há também as moradias da família da Iana Mura, em Cavalcante, e a Maloca Mura da Delmara Mura, no Distrito de Calama, todas localizadas na região rondoniense.

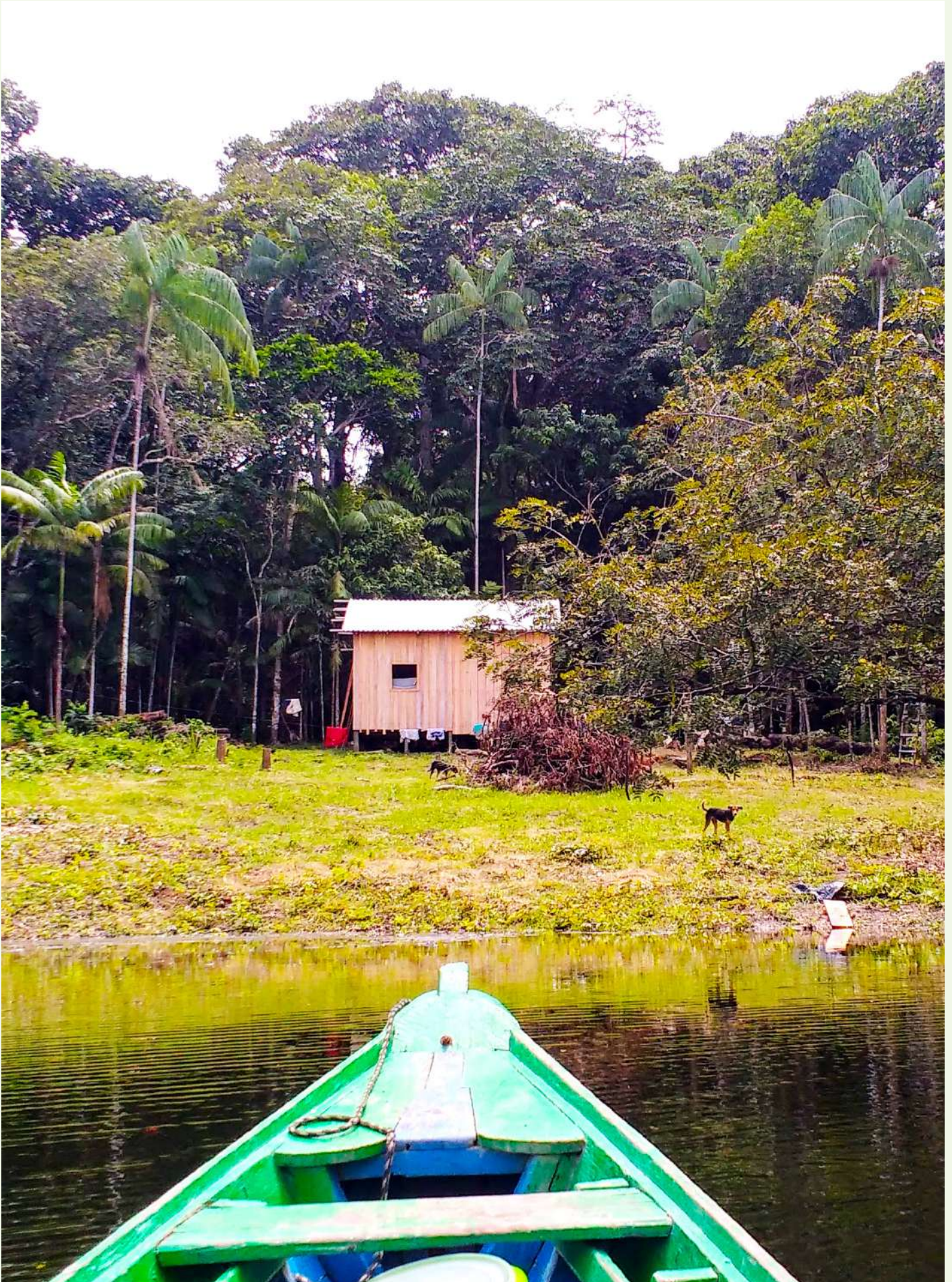




Nessa perspectiva de construir moradias de nossa vivência e de espaços culturais indígenas, foi construída a moradia da Tatiana Augusto e do Lucas Mura, que, além de ser um espaço de vida familiar, também é um espaço cultural indígena Nossa Maloca, na Reserva Extrativista Rio Ouro Preto (RESEX Rio Ouro Preto).

Assim vamos construindo esse caminho das malocas Mura no Rio Iriru, atual Rio Madeira, e outros rios para o lado de Rondônia, mas também para o lado do Amazonas, na cabeceira do lago Uruapeara, onde minha mãe retomou o castanhal que vem sendo passado entre as mulheres da família materna desde a tataravó materna.

Além de construirmos os caminhos das Malocas Mura em Rondônia, também percorremos nosso território visitando as malocas dos parentes Mura do Itaparanã até Autazes/AM, assim seguimos somando com as lutas.



Retomada do castanhal passado de geração a geração de mulheres da mais velhas maternas na cabeceira do lago Uruapeara – AM

O PROCESSO DE AFIRMAÇÃO INDÍGENA DE UM JOVEM MURA

Puranga ara! Puranga Karuka! Puranga Pituna!

Wakata repé! Todas, todos, todes parentes. Meu nome oficial é Lucas Maciel Ferreira, nasci em 1994, na cidade de Porto Velho, que antes de tudo é território de memória do Povo Mura. Recebi de Namatuyky o nome espiritual Antorokay, por meio do Pandé Handech, no território Mura, no Itaparanã, onde minha mãe, e toda família, foi reconhecida, iniciando com isso sua luta, junto com os parentes, pela demarcação do território. Estamos interligados a eles e temos o respaldo político do Conselho Indígena Mura (CIM), de Autazes-AM, que reconhece a existência e atuação do Coletivo Mura de Porto Velho. Nosso reconhecimento de pertencimento Mura



vem da memória de nossas mais velhas e mais velhos, que foram introduzidos nos espaços de seringais e, conseqüentemente, por força das circunstâncias, deixaram de dizer que eram Mura, devido à política de apagamento da cultura e da identidade, perpetradas pelo Estado, ainda assim mantiveram a cultura material e imaterial Mura. Por meio do tecer as memórias indígenas, reconstruímos nosso pertencimento Mura, pois somos do rio Iriru, o rio que treme, conhecido como rio Madeira, e recuperamos nossa ligação com nossas e nossos ancestrais.



MINHA HISTÓRIA COMEÇA ASSIM:

Desde curumim minha mãe e meu pai ensinaram para mim e para o meu irmão a nos relacionarmos com as águas, com a floresta e com a luta em defesa de nossa ancestralidade. Na vivência com minhas avós e meus avôs, alguns tios, tias, primas e primos, por parte de mãe e pai, que viviam em espaços com florestas e rios, fomos aprendendo a viver interligados ao ambiente inteiro, adquirindo os saberes culturais do pescar, caçar, observar, escutar e andar na floresta.

Além da aprendizagem cultural com minha família materna e paterna, meus pais também nos aproximaram de parentes indígenas do Povo Karitiana, do Povo



Márcia Mura em frente à Nossa Maloca



Karipuna e do Povo Cassupá, pois eles, desde novos, atuaram com os Povos Indígenas em Rondônia. Nesse tempo, embora nossa família vivenciasse no seu dia a dia a cultura alimentar, os modos de fazer e viver indígena, minha mãe ainda não trazia com ela a afirmação Mura, somente após os trabalhos dela de registros das memórias das mulheres mais velhas da família, é que foi recuperando as memórias indígenas da nossa família e aos poucos trazendo para ela e para nós a afirmação indígena.

Eu me lembro como se fosse hoje, quando eu e meu irmão eramos ainda curumins e minha mãe e meu pai nos levava para a Aldeia Indígena Kyowã, dos parentes Karitiana. Lembro que nós íamos com o Antenor Karitiana, que é amigo dos meus pais e que

eu e meu irmão chamamos de tio, porque a minha tia Cristina passou a ser a sua esposa e teve duas filhas e um filho com ele. Lembro do tio Antenor tomando banho no igarapé da aldeia junto com uma anta que era criada pelos parentes. E me recordo das brincadeiras de bola com os parentezinhos no campo. Assim fomos crescendo com essa ligação com nossas priminhas e priminhos Karitiana.

Eu lembro também que eu gostava de ficar sem roupa e colocava um cocar Karitina que a gente tinha em casa e fazia soar o som do maracá e dançava marcando a pisada da dança indígena. Nossa infância e nossa adolescência foram marcadas por visitas aos territórios indígenas, para sítios, para espaços ribeirinhos e extrativistas, e hoje vivo numa reserva extrativista com a família. Família que estou formando junto com minha companheira Tatiana, mãe do meu filho Buhuraen



Buhuraen e Icamiaaba

(senhor das águas), nome do meu Povo antes do contato com o colonizador, e minha filha Icamíaba (senhora da Amazônia, ou como denomina Debora Tacana, aquela que levanta o rio), mas vou contar mais sobre isso depois.

Aos poucos nossa afirmação indígena foi se fortalecendo até que minha mãe se encontrou com os Mura lá do Itaparanã. Uma parte deles vivia em Humaitá/AM. Na ocasião, ela estava realizando uma pesquisa de campo em função da tese de doutorado, intitulada: "Tecendo tradições indígenas". Desde então ela foi construindo laços de afetividade e afirmação Mura e envolvendo toda a família. Minha mãe disse que a mãe dela, a vó Nilse, foi muito importante nessa nossa afirmação Mura, pois foi ela que levou minha mãe no Uruapeara, lugar de origem da minha bisavó Francisca, que já fez a passagem. Lá no Uruapeara, minha mãe restabeleceu as relações de parentescos, participou dos puxiruns, que são trabalhos coletivos entre parentes, e lá ela viu que o modo de ser indígena se mantinha, assim também em Nazaré, no Baixo Madeira rondoniense, onde ela vive e luta para recuperar a nossa memória Mura,





presente na cultura ribeirinha.

Foi neste período que minha mãe recebeu o nome espiritual de Tanãmak, dado por Namantuyky. Ela canta a memória do seu encontro com nosso Povo Mura: “Foi navegando pelo Madeira que encontrei Mura em Mim, que encontrei força em mim...”. Essa canção traz a força do encontro com o nosso Povo. Já meu irmão Tanã recebeu nome espiritual de Namantuyky, que é Atatuyky, e meu pai Iremar recebeu o nome espiritual Mura de Agabaué. Assim, seguimos juntos com ela (minha mãe) esse caminho das águas ancestrais.

Uma coisa que também é importante falar é sobre nossa temporada em São Paulo, quando minha mãe estava fazendo o doutorado e resolveu levar meu irmão e eu para ficarmos com ela lá, no ano de 2014. Eu já tinha 19 anos indo para os 20, e meu irmão 17 indo para os 18, e mesmo ela sabendo do desafio que era nos levar para uma cidade como São

Paulo, ela resolveu assumi-lo. Lá ela nos envolveu numa rede de parentes indígenas que vivem em São Paulo, o que foi muito importante para fortalecer nossa afirmação indígena. Tivemos o acolhimento do parente Sassá Tupinambá, que nos deu responsabilidades nas ações do GT Indígena, mesmo ainda sendo muito jovens, e isso fez com que nos sentíssemos importantes. Também tivemos muitas aprendizagens com os parentes Tupinambá de Olivença, que iam para São Paulo fazer atividades culturais e políticas junto com Casé Angatu e com o parente Netuno Borum, que estava sempre nos aconselhando e nos ensinando com sua sabedoria, e com as parentas Isabel, que vem de ancestralidades indígenas do Pará, Iolanda Potiguara, e Liliam, que estava em processo de afirmação Potiguara (que atualmente é minha cunhada), dentre outras e outros que estavam envolvidos no GT Indígena e em processo de afirmação.

Foi a partir desse envolvimento com o movimento de afirmação Indígena em São Paulo

que, ao voltarmos para Porto Velho, resolvemos tornar nossa casa em “Maloca Querida”, e embora minha mãe



já tivesse iniciado em 2012 a formação de um grupo de afirmação indígena em Porto Velho, foi a partir da nossa volta de São Paulo, após 2014, que iniciamos de forma mais forte as nossas ações culturais e políticas de fortalecimento do pertencimento Mura, acolhendo as pessoas em processo de afirmação indígena, mas ao mesmo tempo formando o Coletivo Mura de Porto Velho, que tem como uma das principais



reivindicações o reconhecimento de Porto Velho e do rio Madeira como territórios de memória ancestral Mura.

Depois de todo esse caminhar, me reencontrei com a Tatiana, mãe do meu filho e da minha filha. Nos conhecemos quando ainda erámos adolescentes, quando meu pai estava coordenando um projeto de energia produzida com óleo de Babaçu, realizado pelo Grupo de Pesquisa Energia Renovável Sustentável (GPERS), do

qual ele fazia parte, época em que estava cursando o mestrado na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), ele ia muitas vezes para a RESEX rio Ouro Preto, e eu e meu irmão, algumas vezes, fomos com ele. Após 2014, quando voltei para Porto Velho, a Tatiana nos fez uma visita com a irmã dela, a Missilene, que fez a passagem dela por esses tempos (em 2022). Foram convidadas para comer um peixe assado com a gente, na Maloca Querida, e desde esse reencontro passamos a nos relacionar e, com um tempo, nos tornamos um casal. Ainda tentamos manter nossa vida na cidade. Iniciamos um curso de graduação na UNIR, em Porto Velho. Ela no curso de Geografia e eu no de Arqueologia, e depois fui para o curso de Ciências Sociais, mas aí veio desafio de estudar e fazer a correria para garantir o sustento do filho, enfrentamos muitos desafios. Esse período coincidiu com o início da pandemia provocada pelo Novo Coronavírus. Nessa ocasião, a Tatiana já estava em Guajará-Mirim, ajudava a cuidar da mãe que estava doente, e resolveu ficar por lá com o nosso filho.



Família Mura do Espaço Cultural Nossa Maloca

Mas antes de irmos morar na RESEX rio Ouro Preto, passamos um tempo na Terra Indígena Mura no Itaparicã, onde tivemos muitos aprendizados com os Mura Harabagadis, onde a Tatiana recebeu de Namatuyky o nome espiritual de Tapuya. Devido a dificuldades com a saúde, voltamos para a cidade de Porto



Velho, tentamos retomar os estudos, se envolver na organização dos estudantes indígenas, fizemos parte de algumas ações, mas não nos adaptamos mais às estruturas da Universidade e nem estávamos mais conseguindo viver na cidade. Foi quando, durante a pandemia, fui para a RESEX rio Ouro Preto para ficar junto com minha companheira, meu filho e a família dela, foi quando decidimos construir nossa maloca lá.

vivenciado a cultura Mura na Maloquinha de Nazaré.

Aos poucos fomos construindo a nossa moradia com o apoio da família da Tapuya e da minha família também. Hoje nosso espaço de vida na RESEX rio Ouro Preto também é um espaço de referência cultural de afirmação indígena. Nesses dois anos, estamos trabalhando na recuperação do solo



Família Mura em frente à Maloca Querida de Porto Velho/RO

degradado, onde havia sido feito um pasto, fizemos nosso roçado tradicional e estamos plantando castanheiras e outras árvores frutíferas, além das plantas medicinais cuidadas com muito amor pela Tapuya. Estamos construindo nosso caminho de volta para a floresta, para nossa cultura, para o Bem Viver e a interligação com o ambiente inteiro. Não é fácil, mas estamos fazendo a resistência e aos poucos outras famílias indígenas que já viviam na Resex vão perdendo a vergonha de dizer que também são indígenas. Nossa presença na RESEX, trazendo a afirmação Mura, tem colaborado também na formação das crianças da família da Tapuya, que participam das conversas ao redor da fogueira e vão se aproximando mais da cultura indígena.

Seguimos na luta do dia a dia e esperançosos com a construção do futuro para nosso filho Buhuraen e nossa filha Icamiaaba, os quais receberam nomes ancestrais e que estão sendo criados com a consciência de que são

Mura. A luta da avó Márcia Mura é de que seus netos e netas saibam que sua avó é Mura e que possam dar continuidade nesse pertencimento e não deixar mais que essa memória se perca, e nós aqui no espaço cultural “Nossa Maloca” estamos lutando para que nosso filho e nossa filha sejam criados com segurança e interligados ao ambiente inteiro, percorrendo também pelo território Mura, seguindo os caminhos das malocas. Assim fui me constituindo como um jovem indígena, aprendendo com minha família, com meu Povo e com outros e outras parentes de outros Povos. Hoje me entendo como Antorokay Mura. Dos aprendizados que tive, a iniciação da ‘rapelança, feita por parentes Huni Kuin que encontrei no meu caminhar, e o canto de pajelança Mura que nosso cacique Nelson Mura nos repassou são a força espiritual



que incorporo na minha dança, chamada pajelança, assim como todos os outros aprendizados indígenas me constituem e me inspiram na minha arte expressa pela dança de força ancestral, das pinturas em tela ou paredes, dos grafismos corporais e outras manifestações artísticas. Peço a Namatuyky e as e os ancestrais que continuem me conduzindo nesse caminhar de constante aprendizagem.

ALGUMAS PALAVRAS NOSSAS

Harabagadis: Na língua espiritual dos Mura do Itaparanã, significa pessoas queridas, filhas e filhos de Namatuyky.

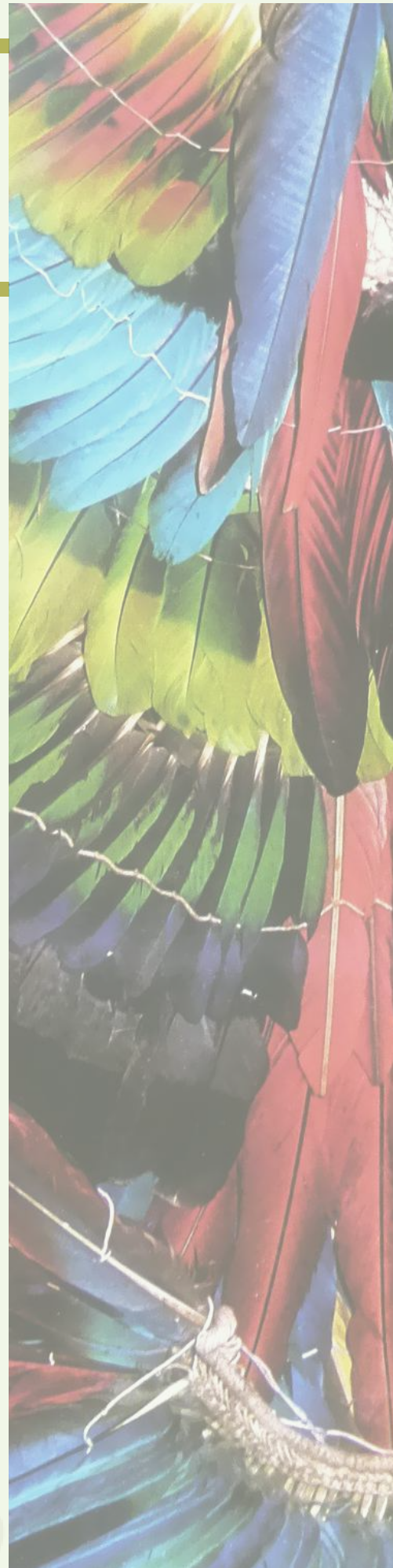
Buhuraen: (senhor das águas) nome do meu Povo antes do contato com o colonizador.

Icamiaba: (senhora da Amazônia, ou como denomina Debora Tacana, aquela que levanta o rio).

Itaparanã: Território Mura em processo de reivindicação para a demarcação. Nome composto por duas palavras em Tupi: ita: pedra; paranã – Rio ou caminho de água.

Kyowã: de acordo com as informações que recebemos de parentes do Povo Karitiana, significa, na língua deles, sorriso de criança.

Namantuyky: O grande criador, na língua espiritual do Povo Mura do Território Itaparanã.





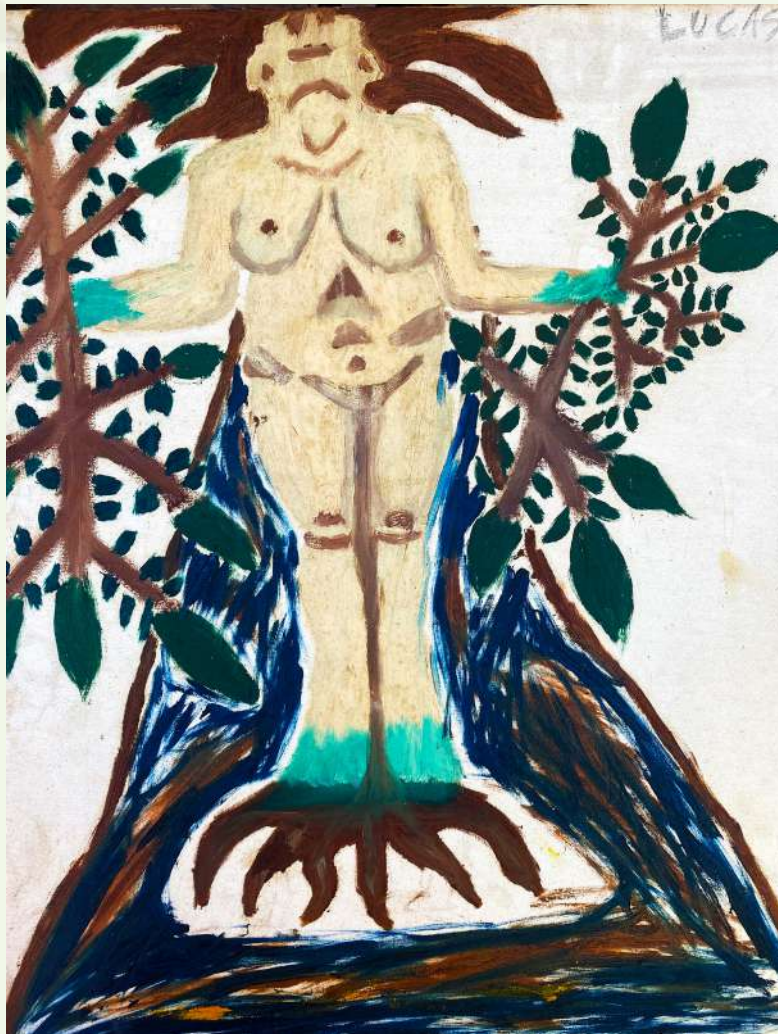
Puranga Ara, Puranga Karuka, Puranga Pituna: São cumprimentos em Nheengatu, que significam bom dia, boa tarde, boa noite.

Uruapeara: Composta por duas palavras – Uruá e Peara, que estão documentadas como sendo Tupi, mas para nós Mura do Rio Madeira e do lago do Uruapeara e ainda de outros territórios Mura na Amazônia é uma palavra nossa. Assim, para nós Uruá significa caramujo e Peara é o chefe, num bando de queixada é aquele que vem na frente do bando, nós também temos ampliado o sentido da palavra para a pessoa que é reconhecida como liderança ou aquele que é o dono ou sabe o caminho. Para as pessoas que vivem no entorno do lado do Uruapeara, lugar de origem da minha avó materna, o Uruá Peara é um grande caramujo que vive no fundo do lago, o peara dos uruás e que ninguém pode matá-lo, pois se isso vir a acontecer, o lago secará e toda fonte de vida morrerá.

Wakata repé: Saudação na língua espiritual do Povo Mura do Território Itaparanã.

SAIBA MAIS SOBRE A CAPA

A obra *A Mãe Terra* foi a primeira inspiração do Lucas Mura quando participou de um concurso de desenho do SESC/RO. A tela reflete o olhar do adolescente Lucas ao vivenciar, junto com sua família, nas beiras do rio Madeira, as intervenções que lhe tocavam profundamente... As raízes da árvore-gente, agarrada e desgarrada da terra, dá a dimensão de sua ancestralidade e a reconstrução de sua identidade indígena Mura.



SAIBA MAIS SOBRE OS AUTORES

Márcia Mura é autora do livro: O espaço lembrado - Experiência de Vida em Seringais da Amazônia, (Edua, 2012), além, de fazer parte de algumas coletâneas e ter escrito o livrinho, (ainda no formato PDF) Curumim do Rio Machado. Recebeu o prêmio de intercâmbio cultural do Ministério da Cultura em 2010. Escritora indígena, formada em História pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). É mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), na qual é pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral. Márcia também faz parte do Instituto Madeira Vivo e do Movimento das Wayrakunas do Brasil, bem como da Associação das Mulheres Guerreiras de Rondônia (AGIR), e dialoga com o Feminismo Comunitário Tecido Pindorama.



Nome espiritual, dado por Namatuyky é Antorokay. Multiartista, Lucas é uma jovem liderança indígena que faz parte do coletivo Mura. Tem Experiência em danças culturais amazônicas e em produção cultural. Promove em Porto Velho, em Guajará-Mirim e na Reserva Extrativista Rio Ouro Preto a “Vivência Cultural Indígena”, que visa o despertar da ancestralidade. Está sempre na luta pelos povos indígenas, como pode ser observado na capa do jornal PORANTIM – Em defesa da causa indígena – no 402, Brasília-DF, janeiro/fevereiro de 2018, no Sarau Cantos e EnCantos Rondonienses, na Live Diálogos com artistas plásticos rondonienses e na Live A resistência sociocultural de um jovem Mura, todos disponíveis no Canal do Coletivo Vozes e EnCantos Amazônicos.



VIVÊNCIA
SAGRADA 
DESPERTANDO A ANCESTRALIDADE MURA

Antorokay Mura
Márcia Mura

VIVÊNCIA SAGRADA

DESPERTANDO A ANCESTRALIDADE MURA

Antorokay Mura
Márcia Mura



Conheça a nossa
maloca MURA!